

Apoios Menores Invertidos

por Álvaro Chaves Rosa

1. Apoios clássicos em naipe menor

No sistema natural, as vozes clássicas de apoio directo de uma abertura em naipe menor são, como se sabe, as seguintes:

- *apoio simples ao nível 2*, com uma mão da ordem de 6 a 10 pontos de apoio;
- *apoio com salto ao nível 3*, com uma mão de 11-12 pontos (convite a partida).

(Os apoios directos em duplo salto, ultrapassando 3ST, são virtualmente inexistentes e desprovidos de utilidade como vozes naturais).

Embora este esquema clássico seja ainda maioritário no bridge nacional, a verdade é que ele não é o esquema mais lógico, por várias razões, a seguir enumeradas.

A primeira razão é que *não existe nenhuma voz de apoio forcing imediato da abertura*. Uma mão como ♠A3 ♥752 ♦ADV984 ♣R10, face a uma abertura em 1♦, não tem alternativa senão a de *inventar* um naipe de resposta, porque não dispõe de nenhuma voz que mostre o fit a ouros e *obrigue o abridor a falar*. Pode argumentar-se que, no sistema clássico, o mesmo problema ocorre com as aberturas em naipe maior. Mas há uma diferença assinalável: é que é *muito menos perigoso*, por motivos óbvios, inventar uma mudança de cor para 2 em menor sobre abertura em maior. E, por outro lado, a tendência do bridge moderno é também a de incorporar no sistema vozes de apoio artificial *directo* de uma abertura em naipe maior (2ST Jacoby, *splinters*, etc...).

A segunda razão é que a voz de convite ao nível 3 *rouba muito espaço de leilão*, limitando os recursos disponíveis para a investigação do melhor contrato *precisamente quando essa investigação é mais necessária*. Sobre o apoio simples ao nível 2, face ao qual já é muito menos frequente o abridor ter força para querer jogar partida, há paradoxalmente muito mais espaço disponível para investigação.

A terceira razão é de ordem competitiva. Grande parte das mãos adequadas para um apoio simples da abertura em menor são mãos com algumas características de barragem. Mesmo jogando paus de 2 ou ouros de 3, o número *expectável* de cartas de uma abertura em naipe menor é, em termos probabilísticos, de *4 ou mais*. Daí decorre que é estrategicamente vantajoso, tendo o respondente uma mão fraca em pontos de honra e com um fit de 5 cartas ou mais, colocar o leilão de imediato ao nível 3. O apoio simples *não faz efeito de barragem*, permitindo ao adversário na posição imediata uma entrada no leilão ao nível 2.

2. Apoios menores invertidos

Foi para “dar a volta” a estas questões que surgiram, nos Estados Unidos, os “**inverted minors**”, ou **apoios menores invertidos (AMI)**. Fazendo parte, originalmente, do sistema Kaplan-Sheinwold, esta ideia ganhou grande popularidade entre os jogadores americanos nos anos 80, tendo desde então vindo a ganhar adeptos a nível mundial.

A ideia base, como o próprio nome indica, é a de *inverter* o significado dos apoios directos (simples e com salto) da abertura em menor, passando o apoio simples a ser *o mais forte* e o apoio com salto *o mais fraco*. Mais concretamente:

- o **apoio ao nível 2** mostra força de *convite a partida ou mais*;
- o **apoio ao nível 3** mostra uma mão distribucional (5 trunfos ou mais) avaliada em cerca de 6 a 10 pontos de apoio (que no sistema clássico daria um apoio simples).

Note-se a característica essencial de o apoio ao nível 2 ser **forcing**, o que permite que o respondente o utilize tanto com força apenas de convite (por exemplo, ♠53 ♥A75 ♦R104 ♣A9832, face a abertura em 1♣), como com força de partida mas sem direcção definida (♠53 ♥AD5 ♦R104 ♣A9832), como

ainda com aspirações a cheleme (♠5 ♥AD5 ♦RD4 ♣AV9832). Nas voltas seguintes do leilão haverá oportunidade de esclarecer o nível ambicionado.

Irei seguidamente abordar os desenvolvimentos do leilão sobre o apoio ao nível 2, que é sem dúvida o aspecto mais interessante a considerar, já que “de repente” se está em situação de explorar o melhor contrato a partir do nível super-económico de 2♣ ou 2♦, e com fit já estabelecido. Há muito espaço disponível para essa exploração, a questão é aproveitá-lo da melhor forma.

(Para ser mais preciso, importa esclarecer que a voz ao nível 2 *por uma mão passada não é forcing*, visto estar limitada a uma força de *convite*; o abridor mínimo ou sub-mínimo pode passar, se entender).

3. Desenvolvimentos sobre o apoio forcing

A regra número um, por parte do abridor, é ter presente que o parceiro pode ter apenas força de *convite*. Com uma mão mínima, o abridor deve ter maneira de mostrar que *não aceita* o convite. Por sua vez, o respondente, consoante a força efectiva da sua mão, deixará o leilão concluir-se num parcial ou prosseguirá para mais altos voos.

A descrição acima peca, no entanto, por demasiado simplista. A realidade, como explicarei adiante, é que nem sempre o abridor tem possibilidade de esclarecer *imediatamente* a força da sua mão (nomeadamente se está mínimo ou não), o mesmo de resto se aplicando, em certos casos, ao respondente (na sua segunda voz).

Há diferentes tratamentos possíveis para os rebides do abridor, embora com pontos em comum. Começarei por apresentar um esquema básico que, sem ser necessariamente o melhor possível, é razoável e de fácil assimilação:

2ST: Mínimo balançado (12-13 H), com pegas nos naipes laterais

3 no trunfo: Mínimo distribucional (geralmente com trunfo extra relativamente ao mínimo prometido pela abertura)

Novo naipe sem salto (2♦/2♥/2♠ sobre 2♣, 2♥/2♠/3♣ sobre 2♦): Voz afirmativa, força ambígua

Novo naipe com salto (3♦/3♥/3♠ sobre 2♣, 3♥/3♠/4♣ sobre 2♦): *Splinter*, isto é, singleton (ou chicana) no naipe, com força de partida (ou mesmo de cheleme)

3ST: Mão balançada, 18-20 H, com pegas nos naipes laterais

Repare-se que as vozes em sem trunfo são naturais e precisas em termos de faixa de pontos. O abridor pode ser obrigado a temporizar com uma voz em novo naipe, apesar de ter uma distribuição balançada, quando lhe faltar alguma pega *ou* quando não esteja em nenhuma das faixas referidas (por exemplo, com 14-15 pontos). A ambiguidade, em termos de força, de uma voz afirmativa em novo naipe (sem salto) implica que o respondente não poderá ultrapassar o nível de 3 no trunfo se não tiver mais do que força de *convite a partida*. O mesmo princípio se aplica, de resto, ao leilão subsequente: enquanto nenhum dos jogadores ultrapassar o nível de 3 no trunfo, não está estabelecida uma força de partida. Por exemplo, numa sequência 1♣-2♣-2♦-2♠, o abridor mostrou uma força a ouros e o respondente uma força a espadas (e por inferência um problema a copas), mas ainda nenhum deles esclareceu se tem, ou não, força para querer jogar partida. Após esta sequência, uma voz de 2ST pelo abridor seria não forcing e natural (com qualquer coisa a copas, provavelmente com uma mão que só não deu 2ST na segunda volta do leilão por falta de pega a *espadas*); 3♣ seria também não forcing mas *sem pega a copas*. Sobre qualquer destas vozes, o respondente só continuaria o leilão para partida se tivesse valores extra para além do mínimo prometido. E se o abridor estivesse forte demais para usar uma das duas vozes não forcing referidas, teria naturalmente que fazer uso de uma das vozes acima de 3♣.

Quando, por algumas das razões citadas, o abridor não tiver podido fazer um rebide em sem trunfo, a utilização das vozes em naipes laterais segue uma lógica mais ou menos *standard*, sendo essas vozes afirmativas (pegas ou controles), ou, quando em salto, usadas como *splinters* (não só pelo abridor,

como indicado no esquema atrás, mas também, em certas sequências, pelo respondente; por exemplo: 1♣-2♣-2♦-3♥ mostra uma curta a copas e força de partida). Após o anúncio de pegas em dois dos naipes laterais, o anúncio do último naipe pode constituir um pedido de *meia pega*. Quando é diagnosticada uma lacuna impeditiva de jogar em sem trunfo, não está excluída a marcação de partida em naipe maior num fit 4-3, quando adequadamente sugerido pelo leilão (por exemplo: 1♦-2♦-2♠-3♠-4♠; a voz de 2♠ do abridor é afirmativa a espadas, não garantindo *a priori* 4 cartas do naipe; 3♠ pelo respondente sugere 3 cartas boas e a possibilidade de jogar nesse trunfo, diagnosticado um problema a copas; e 4♠ constitui uma aceitação, confirmando 4 cartas no naipe).

O esquema apresentado, repito, não é necessariamente o melhor, mas, mesmo sem qualquer refinamento, é mais eficaz do que o esquema clássico de apoios em menor. Alguns jogadores não gostam da ambiguidade de força das vozes em novo naipe, e preferem seguir uma regra mais restritiva em que o abridor só dispõe de dois rebides mínimos: 2ST e 3 no trunfo, estabelecendo qualquer outra voz uma força de partida. Esta abordagem tem, no entanto, inconvenientes: se o abridor estiver obrigado a dar 2ST com qualquer mínimo balanceado, corre-se o risco de jogar em sem trunfo sem as pegas adequadas ou pela mão errada; e se, reciprocamente, a falta de pega num naipe lateral o levar a optar pelo rebide de 3 no trunfo (por não poder contemporizar com uma voz num dos outros naipes), perde-se muitas vezes a possibilidade de jogar o contrato de 2ST quando ele poderia ser o mais indicado - principalmente em torneio de pares.

4. Menores invertidos em competição?

Na generalidade, os **AMI** não são adoptados em competição. Isto é, após uma intervenção adversária em naipe simples ou em dobre sobre abertura em menor, um apoio simples pelo respondente retoma as suas características clássicas (cerca de 6 a 10 pontos, não forcing). Significa isto que o apoio com salto também deve ter o significado clássico de *convite* (11-12 pontos)? Não necessariamente, embora muitos ainda o joguem assim. No bridge competitivo, o apoio em salto faz mais falta como voz de *barragem*, numa mão fraca e distribucional, com 5 ou mais trunfos. As mãos com fit e força de *convite a partida ou mais* são adequadamente descritas, conforme o caso, por vozes artificiais disponíveis: o **cue-bid** do naipe de intervenção, ou o **2ST Truscott** sobre o dobre de chamada.

Após abertura do parceiro em 1♣ e intervenção adversária em 1♥, que voz deve o respondente dar com ♠D5 ♥762 ♦D943 ♣AV92 senão 2♣, mesmo que a abertura não prometa 4 cartas? Para mostrar, a um nível não perigoso, que se tem um “apoiozito” e algum jogo, a ocasião é agora ou nunca. Mude-se a mão para ♠5 ♥762 ♦10943 ♣AV952 e a voz agora é 3♣, em barragem (dificultando aos adversários, entre outras coisas, a detecção do fit a espadas). Estas considerações permanecem válidas, note-se, se a intervenção tiver sido em *dobre*.

(Só um pormenor: sobre a intervenção em dobre, há razões posicionais, no caso de naipe menor, para jogar um **2ST Truscott invertido**, em que a voz de 3 no naipe volta a ser, curiosamente, o clássico *convite*, sendo a voz de 2ST ambivalente - apoio em barragem *ou* forcing de partida; o abridor assume a primeira hipótese, e o respondente continuará se tiver a segunda).

5. Alguns problemas.

O principal problema acarretado pela adopção dos **AMI** surge nas mãos do respondente que, num esquema clássico, são confortavelmente descritas por um apoio simples, não forcing, mas não são distribucionalmente adequadas para um apoio com características de barragem ao nível 3. Por exemplo: que voz produzir, no contexto dos **AMI**, com a mão de há pouco ♠D5 ♥762 ♦D943 ♣AV92, mas agora sobre abertura em 1♦ e sem perturbação adversária? A mão não vale um convite, e não é adequada (pontos a mais, distribuição a menos) para uma barragem em 3♦ (principalmente se a abertura puder ter só 3 cartas). Confesso, com toda a franqueza, não conhecer remédio garantido para tratar estas situações. Trata-se de, caso a caso, escolher o mal menor entre várias opções imperfeitas:

- *inventar* uma voz de 1 em maior, com 3 cartas de figura (não é o caso do exemplo citado);
- dar 1ST, correcto em valores, mas não em termos descritivos e posicionais;
- dar o “overbid” de 2 no naipe (na intenção de meter “travão a fundo” sobre um eventual entusiasmo suscitado no parceiro);

- em casos marginais, e dependendo da vulnerabilidade (e do biorritmo...), arriscar a barragem em 3 do naipe (fora de questão no exemplo citado).

Quero mencionar um outro tipo de problema, embora ele não seja exclusivo dos **AMI**, mas sim comum a todas as situações em que é estabelecido um apoio *forcing* em menor (directamente sobre a abertura ou não). Trata-se do problema da *ambiguidade* de certas vozes, após o estabelecimento da força de partida. Está-se a investigar 3ST, ou a convidar para cheleme? Uma voz ao nível 3 em naipe lateral mostra um controle à 1ª ou 2ª, ou pode tratar-se meramente de uma localização de forças, como DVxx? Um “apoio tardio” em naipe maior é uma sugestão de contrato em fit 4-3, ou pode tratar-se de um anúncio de controle no naipe?

A existência desta ambiguidade resulta de não haver uma distinção clara entre vozes de *investigação de partida* e vozes de *tentativa de cheleme*, o que, no caso dos naipes menores, é agravado - principalmente em torneio de pares - pela “*síndrome do 3ST*”. Os jogadores de competição sabem bem que não querem passar o nível de 3ST sem razões fortes, dado o risco de ficar a jogar um contrato de 5 em menor, mais penoso ou simplesmente menos remunerador.

No contexto dos **AMI**, há solução para este problema? Penso que sim, pelo menos parcialmente. Uma abordagem possível é utilizar rebides que, de forma natural ou artificial, permitam descrever com mais precisão a força das mãos (tanto do abridor como do respondente). Por exemplo, poder-se-ia usar os rebides em novo naipe com salto, pelo abridor, como vozes imediatas de convite a cheleme, sendo as vozes sem salto limitadas a mãos de força moderada (isto é, sem ambição de cheleme). Mas, para além de se perder o uso dos *splinters*, o esquema resultante de uma tal abordagem continuaria a ter algumas zonas de penumbra, por limitações do espaço disponível abaixo de 3ST.

Uma solução que julgo preferível, embora mais radical, passa por usar *várias vozes*, e não só a de 2 no menor, como vozes de apoio *forcing* de abertura, diferenciando de imediato as zonas de força possíveis. Mas há vozes disponíveis para esse efeito? Haver, há, é tudo uma questão de fazer a opção considerada mais útil em termos de frequência de utilização. As vozes de mudança de cor com salto sobre abertura em menor (como 1♦-2♠) mostram, classicamente, mãos (muito) fortes. No entanto, muitos jogadores de competição, actualmente, já optaram por jogá-las antes como vozes *muito fracas* de barragem (o chamado “**very weak jump shift**”, geralmente com 6 cartas e limitado a 5 pontos). Ora, uma outra utilização possível para essas vozes - ou pelo menos para algumas delas - é precisamente como vozes artificiais de fit no menor de abertura. Se não se quiser prescindir das barragens em maior, pelo menos as vozes de salto no outro menor (1♣-2♦ e 1♦-3♣) permitem distinguir duas zonas de força do respondente, o que já representa um melhoramento assinalável. Enfim, a ideia fica, para vossa reflexão.

A terminar, uma breve referência a um outro problema, que é o da existência ou não de um verdadeiro fit (de 8 cartas ou mais). Uma mão como ♠A64 ♥R32 ♦AD65 ♣A95, sobre abertura em 1♦, “tem que dar” um apoio *forcing* a ouros mesmo que se esteja a jogar “*ouros de 3*”. A questão é se se consegue posteriormente diagnosticar a inexistência de fit oitavo, nos maus casos em que o abridor tem o indesejado número mínimo de cartas no naipe. Na mesma linha do atrás proposto, poder-se-ia obviar este problema utilizando também diferentes vozes para distinguir artificialmente não só zonas de força como *número de cartas de apoio*.